

**OS LIVROS DIDÁTICOS DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NO
PARÁ: PROPOSTAS E ESTRATÉGIAS EDITORIAIS (2011-2014)**

Geraldo Magella de Menezes Neto*

Introdução

Dentre os livros didáticos há uma categoria voltada para os livros didáticos regionais, que abordam uma dada região específica e cumprem um papel importante na construção de uma identidade dita regional. Os livros didáticos regionais passaram a ser avaliados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) a partir de 2004, sendo destinados ao 4º e 5º anos do ensino fundamental.

Em vários Estados brasileiros ao longo do tempo houve produções voltadas para as questões regionais, uma forma de dar visibilidade à diversidade histórica e cultural brasileira em contraponto ao predomínio de uma narrativa a partir de São Paulo e Rio de Janeiro, principais centros políticos e econômicos do país, feita pelas grandes editoras. Conforme observa Albuquerque Júnior, as buscas por uma identidade regional, são mais visíveis nos Estados ou nos espaços “que são vistos e ditos ou que se veem e se dizem como periféricos, tanto em relação ao processo histórico, quanto à produção historiográfica do país.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 55).

Essa busca por uma identidade regional pode ser identificada, por exemplo, no Estado do Pará, que possui em seu currículo escolar nas escolas públicas estaduais a disciplina de Estudos Amazônicos e editoras que produziram coleções voltadas para esta disciplina: a editora Estudos Amazônicos e a Samauma. Tais coleções não estão no âmbito do PNLD, mas são utilizadas por professores e alunos e merecem ser estudadas com mais atenção em suas particularidades. Assim, o presente trabalho visa investigar o processo de produção das coleções de livros didáticos de Estudos Amazônicos pelas editoras paraenses, suas propostas e estratégias editoriais.

Para uma análise dos livros didáticos regionais, utilizamos como aporte teórico as ideias da história cultural e do livro de Roger Chartier acerca das práticas, usos e da

* Professor da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC) e da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC). Doutorando em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: geraldoneto53@hotmail.com

materialidade dos impressos. Conforme aponta Roger Chartier, “não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor.” (CHARTIER, 1990, p. 127). Assim, entendemos que analisar somente os conteúdos não basta para entender as complexidades dos impressos, pois estes são resultados das ações de vários sujeitos até se chegar ao formato ao qual os leitores tem acesso.

Em relação ao livro didático, Circe Bittencourt aponta que este é um objeto de “múltiplas facetas” e possui uma natureza complexa, sendo “antes de tudo, uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à lógica do mercado.” (BITTENCOURT, 2013, p. 71). É também um “depositário dos conteúdos escolares, suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares”, além de ser um importante “veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura.” (BITTENCOURT, 2013, p. 72). Alain Choppin destaca que na história dos livros didáticos o historiador dirige sua atenção “diretamente para os livros didáticos, recolocando-os no ambiente em que foram concebidos, produzidos, distribuídos, utilizados e ‘recebidos’, independentemente, arriscaríamos a dizer, dos conteúdos dos quais eles são portadores.” (CHOPPIN, 2004, p. 554).

Dialogando com essas contribuições, utilizamos como fontes, além dos próprios livros didáticos, os *sites* das editoras e entrevistas com editores e autores. Nesse sentido, nos interessa investigar as pistas do processo de produção das editoras regionais paraenses, o que podemos conhecer mais a fundo com os relatos dos sujeitos sociais que participaram deste processo. Dessa forma, realizamos entrevistas com o aporte da metodologia da história oral, que segundo Verena Alberti, “é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes”, que consiste “na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado.” (ALBERTI, 2005, p. 155).

Em primeiro lugar, devemos entender a disciplina de Estudos Amazônicos no Pará, sua proposta e seus desafios.

A disciplina de Estudos Amazônicos no Estado do Pará

A disciplina de Estudos Amazônicos foi criada e inserida no currículo escolar estadual paraense pela Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC) em 1999, no governo de Almir Gabriel (1995-2002). A disciplina passou a ter duas aulas semanais no 6º e 7º anos e três aulas semanais no 8º e 9º anos, podendo ser ministrada por professores de História, Geografia e Sociologia. A justificativa para a criação da disciplina era a “imperiosa necessidade da escola contribuir para a formação de uma consciência nos cidadãos sobre a Amazônia como uma questão nacional e ser a Amazônia o maior e mais rico sistema natural do planeta Terra”. (ALVES, 2016, p. 45).

Alves relaciona a criação da disciplina na década de 1990 com o avanço dos índices de desmatamento da região amazônica, além de debates que vinham sendo realizados naquele contexto, como a II Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente, conhecida como a ECO 92 realizada no Brasil (1992); o meio ambiente como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e a Política Nacional de Educação Ambiental (1999). (ALVES, 2016).

Após mais de uma década da implantação da disciplina, Mourão, Airoza e Santana problematizam três questões importantes acerca dos Estudos Amazônicos. A primeira diz respeito à qualificação exigida ao professor ministrante da disciplina. Ao analisar currículos e editais de concurso de vários municípios do Pará, os autores identificam que não há um consenso sobre quem deve ministrar a disciplina: alguns municípios exigiam a formação apenas de Geografia; outros de Geografia ou História; e outros, além das duas, também em Sociologia, como prevê a SEDUC. (MOURÃO; AIROZA; SANTANA, 2013, pp. 2-3).

A segunda questão observada pelos autores diz respeito ao conteúdo programático a ser ministrado. Como não há uniformidade entre essas secretarias municipais e dessas com a secretaria estadual, os conteúdos propostos variam, de acordo com a área do professor ministrante da disciplina. (MOURÃO; AIROZA; SANTANA, 2013, p. 3). Já a terceira questão é sobre quais os recursos didáticos disponíveis e utilizados pelos professores para ministrar o conteúdo da disciplina. Os autores verificaram que não havia um livro didático específico para esta disciplina. Neste caso, apontam que os professores se valem da utilização de capítulos inteiros ou partes de capítulos de outros livros didáticos como os de História, Geografia e, em alguns casos,

de Biologia. (MOURÃO; AIROZA; SANTANA, 2013, p. 3). Mourão, Airoza e Santana concluem que, passada mais de uma década de sua implantação, a disciplina ainda não conseguiu cumprir o seu papel, que seria o de “conhecer a região amazônica refletindo sobre seus aspectos históricos, sociais, econômicos, culturais e ambientais.” (MOURÃO; AIROZA; SANTANA, 2013, p. 4).

Nesse contexto, na década de 2010 duas editoras se propuseram a produzir coleções voltadas especificamente para a disciplina: a Estudos Amazônicos e a Samauma. As coleções dessas editoras cumprem um importante papel de orientação de conteúdos regionais para os professores e na construção de uma identidade amazônica. Dessa forma, vamos analisar como se deu o processo de produção das coleções das duas editoras paraenses, suas propostas e estratégias editoriais.

A coleção da editora Estudos Amazônicos

A editora Estudos Amazônicos foi criada em 2011 por Paulo Palmieri.¹ Segundo o *site* da editora, Palmieri possui 30 anos de experiência no mercado de livros e reuniu uma equipe “formada por professores, pesquisadores especializados e profissionais qualificados nas diversas áreas”. O objetivo da editora é “ser um canal de promoção da cultura amazônica, editando obras literárias, históricas e culturais de alta qualidade artística e técnica para, assim, divulgar o conhecimento produzido na nossa região.”²

A coleção de quatro volumes voltados para os Estudos Amazônicos foi lançada pela editora nos anos de 2011 e 2012. A coleção é coordenada por Mauro Cezar Coelho³

¹ A editora Estudos Amazônicos está localizada em Belém do Pará, na Rua do Una, n. 202, bairro do Telégrafo.

² Ver “A editora”. Site da editora Estudos Amazônicos. Disponível em: <http://www.editoraestudosamazonicos.com.br/editora.html> Acesso em: 29 jul. 2019.

³ Mauro Cezar Coelho é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (2006) e professor da Universidade Federal do Pará, onde atua na Faculdade de História e no Programa de História Social da Amazônia. Informações disponíveis na Plataforma Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> Acesso em: 30 jul. 2019.

e possui como autoras Amélia Bemerguy⁴ e Luana Bagarrão Guedes⁵, da área de História, e Márcia Aparecida Pimentel⁶, da área de Geografia.

A coleção apresenta quatro volumes. O primeiro volume é voltado para o 6º ano do ensino fundamental e possui o título de “Conhecendo a Amazônia”. Apresenta temas que vão desde os significados do termo “Amazônia”, os primeiros povos humanos na Amazônia, a chegada dos europeus na região e a fundação de Belém em 1616. (COELHO et al, 2011). O segundo volume, intitulado “Formação da sociedade amazônica”, é voltado para o 7º ano e aborda o processo de colonização da Amazônia pelos europeus, a atuação das ordens religiosas, os conflitos com os indígenas, a presença africana na Amazônia e a política pombalina para a região. (BEMERGUY; GUEDES; PIMENTEL, 2012a). O terceiro volume, voltado para o 8º ano, é denominado “Amazônia e formação da sociedade nacional”, aborda desde o fim do período colonial com o processo de adesão do Grão-Pará à independência, o movimento da Cabanagem, as lutas pela abolição da escravidão e o auge do comércio da borracha na Amazônia. (BEMERGUY; GUEDES; PIMENTEL, 2012b). Por fim, o quarto volume, intitulado “Amazônia contemporânea”, é voltado para o 9º ano do ensino fundamental, e aborda desde o início da república no Pará, passando pela interventoria de Magalhães Barata, a Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial, e as políticas da Ditadura Militar para a Amazônia. (BEMERGUY; GUEDES; PIMENTEL, 2012c).

O objetivo da coleção, segundo a editora, é “atender as necessidades das escolas da região, bem como as novas demandas exigidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.” A editora destaca que apresenta “uma forma diferente de expressar o que se

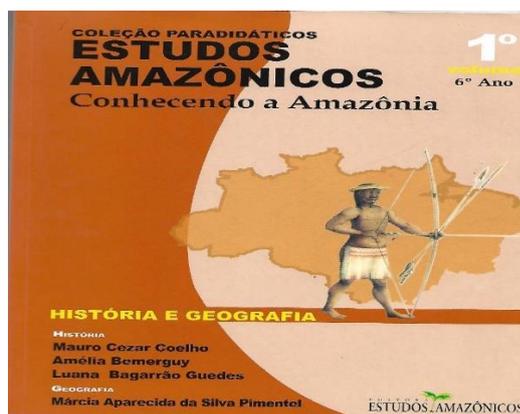
⁴ Amélia Bemerguy é bacharel em Direito pela Universidade da Amazônia (2009). Especialista em Direito do Trabalho pela Universidade Católica Dom Bosco/MT (2010). Possui graduação em Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará (1992) e mestrado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998). Informações disponíveis na Plataforma Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> Acesso em: 30 jul. 2019.

⁵ Luana Sullivan Bagarrão Guedes é doutora em História pela Universidade Federal do Pará (2019). É professora da pós-graduação em História e Cultura Afro-brasileira e da pós-graduação em História Contemporânea da Faculdade Integrada Brasil Amazônia e coordenadora do Curso de Licenciatura em História da FIBRA. Informações disponíveis na Plataforma Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> Acesso em: 30 jul. 2019.

⁶ Márcia Aparecida da Silva Pimentel é doutora em Geografia (Geografia Física) pela Universidade de São Paulo (2002). É professora da Universidade Federal do Pará, no curso de Graduação em Geografia, desde 2005. Integra os Programas de Pós-Graduação de Geografia (PPGeo), de Ciências Ambientais (PPGCA) e de Riscos e Desastres (PPGRD-profissional). Informações disponíveis na Plataforma Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> Acesso em: 30 jul. 2019.

faz e o que se pensa na Amazônia para assim contribuir com a valorização do nosso conhecimento.”⁷

Imagem 1: Capa de *Estudos Amazônicos: Conhecendo a Amazônia, volume 1*



(COELHO et al, 2011)

Em entrevista concedida na época do lançamento da coleção à TV Nazaré, no programa *Diálogo Aberto*, o editor Paulo Palmieri, se utiliza de discursos regionalistas⁸ para justificar a produção da coleção, por exemplo, destacando a necessidade de o aluno conhecer a região na qual vive:

Nós entendemos, lá na Editora Estudos Amazônicos, que é o princípio da formação da cidadania, é o aluno conhecer a região onde mora, onde ele nasceu, onde ele mora e aonde ele vai desenvolver-se na vida. Nós entendemos que se não houver esse conhecimento fica um pouco complicado ter uma cidadania plena. (PALMIERI, 2012).

Em outro trecho do programa, Palmieri faz uma crítica ao Ministério da Educação (MEC), que teria esquecido das particularidades regionais nas suas formulações

⁷ Ver “A editora”. Site da editora Estudos Amazônicos. Disponível em: <http://www.editoraestudosamazonicos.com.br/editora.html> Acesso em: 30 jul. 2019.

⁸ Para uma análise dos discursos regionalistas utilizados como meio de propaganda pelas editoras paraenses que publicam livros didáticos e paradidáticos de História da Amazônia, ver MENEZES NETO, Geraldo Magella de. “Preenchendo a lacuna da história regional”: propagandas de livros didáticos de História da Amazônia (Belém-PA, início do século XXI). Anais do XXIX Simpósio Nacional de História: Contra os preconceitos: História e democracia. Brasília-DF, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502829921_ARQUIVO_Trabalhocompleto-ANPUH.pdf

curriculares. Nesse contexto, o lançamento de uma coleção regional serviria para atender a essa demanda que o MEC não teria dado atenção:

É, entendo, eu que durante muito tempo o ensino ficou centralizado nas grandes regiões do país, o governo federal centralizou praticamente, não abriu as fronteiras para o ensino regional, custou o MEC a tomar determinadas atitudes aonde, e a valorização da cultura regional tem e deve ser cada vez mais respeitado. O Brasil como você bem falou, é enorme, tem uma grandiosidade, culturalmente é uma coisa assim fantástica. Como é que pode se pensar na mesma cultura do Norte, na mesma cultura do Sul? Como é que pode pensar a mesma cultura do Nordeste, ser a mesma cultura do Sudeste? Enfim, as coisas têm que ser bem mais estudadas. (PALMIERI, 2012).

Para a produção da coleção, Palmieri convidou Mauro Cezar Coelho, professor da UFPA, que se tornou o coordenador. Luana Guedes e Amélia Bemerguy já eram conhecidas do editor Palmieri porque antes já existia um projeto de publicação de um livro escolar voltado para a História regional, quando Palmieri era de outra editora.

Após a confirmação de Mauro Cezar Coelho como o coordenador da coleção, foram realizadas as primeiras reuniões, entre ele, Luana Guedes e Amélia Bemerguy para a escrita da parte relativa à História. Conforme relata Luana Guedes, a produção da parte da Geografia sofreu alguns atrasos, com a troca de autores até se chegar a Márcia Pimentel. (GUEDES, 2017).

Essa indefinição sobre o autor da Geografia fez com que a produção dessa parte atrasasse, não havendo dessa forma um diálogo entre as autoras da História e da Geografia. Esse é um ponto importante que devemos considerar na coleção da editora Estudos Amazônicos: apesar de ser voltada para a disciplina Estudos Amazônicos, que teoricamente prevê uma abordagem interdisciplinar da Amazônia no ensino fundamental, a editora optou por separar cada livro em duas partes: a primeira de História e a segunda de Geografia.

(...) a gente já começou os trabalhos assim, eu e a Amélia [Bemerguy] a gente já tinha tido a experiência do livro I [livro de história regional de outra editora], eu achava que ia ser super mais tranquilo assim, a gente já tinha escrito um livro, a gente não ia poder usar os mesmos textos obviamente, mas a gente já tinha na cabeça como ia ser construído e tal, e o Mauro entrou com uma proposta nova de sumário. Primeiro assim, a gente teve muitas reuniões. (GUEDES, 2017).

Luana Guedes relata que houve muitas reuniões entre as autoras e o coordenador da coleção. Devido a nova proposta de sumário do coordenador, que previa uma discussão inicial sobre o conceito de Amazônia, e também devido as discordâncias naturais em relação as escolhas de conteúdo para uma abordagem histórica da Amazônia, e a questão da linguagem que devia ser a mais didática possível, o processo de produção do primeiro volume voltado para o 6º ano foi o mais demorado, levando cerca de seis meses. (GUEDES, 2017). Já os demais volumes foram produzidos de forma mais rápida, já pelo fato de os autores e o coordenador da coleção se conhecerem melhor e estarem habituados ao ritmo da produção.

O lançamento da coleção se deu em dois eventos. Um foi no dia 02 de fevereiro de 2012, no hall Benedito Monteiro da Fundação Cultural do Pará (CENTUR), e “reuniu estudantes, professores e pesquisadores, que prestigiaram a seção de autógrafos dos livros”⁹ A editora também lançou a coleção na Feira Pan-Amazônica do Livro, ocorrida em Belém no Hangar Centro de Convenções da Amazônia. Segundo Luana Guedes, em 2011, o primeiro volume foi lançado no estande da editora na Feira, com autógrafos dados pelos autores aos que adquiriam o livro. Já em 2012, com os outros volumes já prontos, foi feita uma palestra com os autores no auditório do Hangar. (GUEDES, 2017). A tiragem de cada volume, do 6º ao 9º ano, foi de 10 mil exemplares.

Os livros da editora Estudos Amazônicos são oferecidos às escolas por meio de vendedores. Neste processo de oferta, os livros da coleção foram adotados em algumas escolas de Belém, a exemplo da Escola Tenente Rêgo Barros, que em 2012 escolheu os volumes para o 6º e 7º ano¹⁰; e em Santarém, como nas escolas Cristo Salvador e Dom Armando.¹¹ No mesmo ano, a Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC)

⁹ Ver “Editora Estudos Amazônicos lança coleção”. Informativo da Editora Estudos Amazônicos. Ano I, n. 1. Disponível em: <http://www.editoraestudosamazonicos.com.br/informativo001.html> Acesso em: 01 ago. 2019.

¹⁰ Ver “Rêgo Barros adota livros da Editora”. Informativo da Editora Estudos Amazônicos. Ano I, n. 2. Disponível em: <http://www.editoraestudosamazonicos.com.br/informativo002.html> Acesso em: 05 ago. 2019.

¹¹ Ver “Escolas de Santarém”. Informativo da Editora Estudos Amazônicos. Ano I, n. 4. Disponível em: <http://www.editoraestudosamazonicos.com.br/informativo004.html> Acesso em: 05 ago. 2019.

adquiriu os dois primeiros volumes¹², além da Escola Bosque, também ligada à prefeitura de Belém.¹³

A coleção da editora Samauma

A coleção da editora Samauma possui até o momento três livros, lançados entre 2012 e 2014.¹⁴ A coleção foi produzida por três autores: Luis Otávio Viana Airoza¹⁵, Leila Mourão¹⁶ e Stela Rodrigues Santana¹⁷. O editor da Samauma é Álvaro Jinkings, filho de Raimundo Jinkings, um importante livreiro no Pará na segunda metade do século XX.

A Samauma também apresenta um discurso regionalista de valorização da Amazônia para as suas publicações, dentre elas a coleção Estudos Amazônicos:

(...) apresentamos a Samauma Editorial, como um espaço real para o resgate e preservação da identidade do Homem Amazônico.

(...) Buscamos disponibilizar às escolas e aos alunos desta região, bem como aos amantes da leitura, livros que sirvam de instrumentos para uma compreensão sistematizada dos costumes, tradições e saberes amazônicos e, que permita-nos a percepção de que somos sujeitos partícipes da História e, assim possamos reconstruir e ressignificar a nossa identidade numa perspectiva de valorização das tradições amazônicas no âmbito dos novos indicadores do mundo contemporâneo.¹⁸

¹² Ver “SEMEC adota sete paradidáticos e coleção Estudos Amazônicos”. Informativo da Editora Estudos Amazônicos. Ano I, n. 4. Disponível em: <http://www.editoraestudosamazonicos.com.br/informativo004.html> Acesso em: 05 ago. 2019.

¹³ Ver “Escola Bosque adota Coleção Estudos Amazônicos e 9 paradidáticos”. Informativo da Editora Estudos Amazônicos. Ano I, n. 5. Disponível em: <http://www.editoraestudosamazonicos.com.br/informativo005.html> Acesso em: 05 ago. 2019.

¹⁴ O quarto volume está previsto para ser lançado no segundo semestre de 2019.

¹⁵ Luis Otávio Viana Airoza é doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor efetivo da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC) desde 2001, onde já exerceu as funções de Coordenador de Ensino Médio e Secretário Adjunto de Ensino. Informações disponíveis na Plataforma Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> Acesso em: 05 ago. 2019.

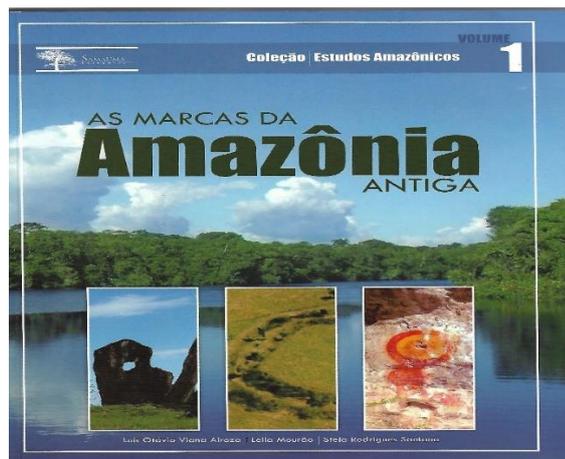
¹⁶ Leila Mourão é doutora em Ciências: Desenvolvimento Sócio-Ambiental pela Universidade Federal do Pará (1998). Atualmente é professora da Universidade Federal do Pará. Informações disponíveis na Plataforma Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> Acesso em: 05 ago. 2019.

¹⁷ Stela Rodrigues Santana é socióloga formada pela Universidade Federal do Pará, Possui Aperfeiçoamento em agricultura familiar e desenvolvimento agro-ambiental da Amazônia. Realiza consultoria a projetos relacionados a formação de professores da Educação Básica e trabalho de assessoria a criação do espaço cultural Casa Açaf no município de Limoeiro do Ajuru-Pa. Informações disponíveis na Plataforma Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> Acesso em: 05 ago. 2019.

¹⁸ Ver “Samauma editorial”. Disponível em: <http://www.samaumaeditorial.com/editorial.php> Acesso em: 01 ago. 2019.

O volume 1 da coleção da Samauma é intitulado “As marcas da Amazônia Antiga”. O livro aborda questões como o conceito de Amazônia, as características ambientais da região, temas como os sambaquis, os geoglifos, a arte rupestre. (AIROZA; MOURÃO; SANTANA, 2012a). O volume 2, intitulado “Os povos da Amazônia Antiga”, aborda a chegada dos primeiros humanos na região, a relação dos primeiros homens com a natureza, os cultivos, artefatos e saberes indígenas. (AIROZA; MOURÃO; SANTANA, 2012b). Já o volume 3, “Os povos da Amazônia colonial”, aborda as primeiras viagens europeias à Amazônia, a chegada dos europeus na região, o olhar dos europeus sobre os indígenas, o processo de colonização e a resistência indígena até a política pombalina no século XVIII. (AIROZA; MOURÃO; SANTANA, 2014).

Imagem 2: Capa de *As marcas da Amazônia Antiga, volume 1*



(AIROZA; MOURÃO; SANTANA, 2012a)

A ideia de produzir uma coleção voltada para os Estudos Amazônicos surgiu quando Luis Airoza era coordenador do Ensino Médio da SEDUC durante o governo de Ana Júlia Carepa (2007-2010). Segundo seu relato, enquanto era coordenador da SEDUC, recebia frequentemente coleções de livros didáticos ofertadas por editoras para avaliação para serem adotadas no Ensino Médio no Pará. (AIROZA, 2017). Um dos editores que ia na SEDUC era Álvaro Jinkings, que era da editora Amazônia, e mais tarde criou a editora Samauma. Airoza aproveitou a oportunidade de oferecer uma proposta de publicação de

uma coleção escolar para a disciplina de Estudos Amazônicos, quando do final do governo de Ana Júlia e de sua saída dos cargos de gestão:

(...) então eu preparei uma proposta, eu preparei um projeto que antigamente era só eu mesmo e apresentei para o Álvaro, eu disse: “olha Álvaro eu fiz um estudo sobre a legislação da LDB, sobre a legislação da SEDUC, o Conselho Estadual e verifiquei que era uma disciplina obrigatória” [Estudos Amazônicos] (...) e eu apresentei a proposta para o Álvaro Jinkings e convenci ele de que era um mercado garantido, porque existia a disciplina e não existia material didático e aí a gente começou a trabalhar em 2011, de 2011 que eu apresentei a proposta para ele. (AIROZA, 2017).

A coleção escolar para os Estudos Amazônicos seria escrita somente por Luis Airoza e previa inicialmente, dois livros, mas depois foi ampliado para quatro, um para cada série do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano). Álvaro Jinkings aceitou a proposta de Luis Airoza, não interferindo diretamente no processo inicial de escrita, pois, como ele mesmo afirma, Airoza apresentou um projeto já pronto:

(...) a gente conversou antes de começar a fazer o livro, a gente conversou como seria o livro, qual seria a cronologia, como seria os volumes, qual seria o primeiro, porque, essas coisas aí eles me explicaram, me apresentaram já um projeto mesmo. (...) E nós aprovamos. (...) número de páginas geralmente eu deixo à vontade. Se a gente ver que tá muito grande ou que depois for fazer revisão, a própria revisão a gente achar alguma coisa aí a gente a gente discute nesse momento. Mas geralmente o autor tem autonomia pra... que ele acha que é importante que tem que ficar, fica. (JINKINGS, 2017).

Dessa forma, tendo já acertado com o editor a estrutura da coleção, Airoza iniciou o processo de escrita. No entanto, devido ao excesso de trabalho, convidou outras autoras para se juntar a ele na produção dos livros: Leila Mourão, professora do curso de História da UFPA, e Stela Rodrigues Santana, professora de Sociologia. O convite levou em conta aspectos profissionais e pessoais: Leila Mourão tinha sido sua orientadora de iniciação científica na graduação e também no mestrado; já Stela Santana é a sua esposa. Airoza assim justifica o convite a elas:

Então a Leila a gente pensou o seguinte: Ela tem a experiência acadêmica, a leitura sobre a Amazônia mais extensa e ampla, e eu um pouco disso, mais a experiência da sala de aula e a escrita, e a Stela a sociologia e a pesquisa mais aplicada, então eu imaginei assim essas três especialidades se somando elas poderiam produzir algo um pouquinho melhor e também assim, o fato de que os três já trabalharam juntos e que sempre dialogaram com várias áreas do conhecimento, nunca restrito ao seu umbigo. (AIROZA, 2017).

A ideia da coleção era realizar uma abordagem da Amazônia de forma interdisciplinar, de acordo com o que prevê a legislação da disciplina de Estudos Amazônicos. Assim, com os três autores, sob a coordenação de Luis Airoza, os dois primeiros livros foram lançados em 2012; já o terceiro volume foi em 2014, todos com tiragem de 10 mil exemplares. O lançamento dos dois primeiros volumes ocorreu, segundo os depoimentos de Airoza e Jinkings, na sede social do clube Assembleia Paraense, em Belém.

A coleção da editora Samauma é oferecida pelo próprio autor Luis Airoza às secretarias de educação das prefeituras do Pará, atuando também como agente vendedor. Para convencer as prefeituras a adquirirem os livros, Airoza ministra gratuitamente para os professores das redes municipais de ensino um minicurso de formação sobre a disciplina Estudos Amazônicos. Por exemplo, no ano de 2017, Airoza realizou o minicurso “Estudos Amazônicos: origens e proposições de conteúdo programático para uma disciplina escolar em Oeiras do Pará” no município de Oeiras do Pará¹⁹; o minicurso “Estudos Amazônicos: origem e proposição de conteúdo programático para Limoeiro do Ajuru, destacando a história e cultura do açaí”, para um público de 70 profissionais da educação, entre os quais professores das disciplinas Estudos Amazônicos, História e Geografia da rede municipal e estudantes do polo universitário de Limoeiro do Ajuru²⁰; além de outras cidades como Capitão-Poço e Mocajuba. Em Cametá, o Colégio Atitude adotou a coleção para o ano letivo de 2018, com o autor Luis Airoza participando da “VI Vivência Pedagógica” da instituição, ministrando palestra e dialogando sobre o tema “O ensino de História e Estudos Amazônicos” com seus professores e professoras.²¹

¹⁹ Ver “Em Oeiras do Pará será ministrado o minicurso de formação para professores de estudos amazônicos.” 30 mai. 2017. Disponível em: <https://autoresestudosamaz.wixsite.com/estudosamazonicos/single-post/2017/05/30/Em-Oeiras-do-Par%C3%A1-ser%C3%A1-ministrado-o-minicurso-de-forma%C3%A7%C3%A3o-para-professores-de-estudos-amaz%C3%B4nicos> Acesso em: 05 ago. 2019.

²⁰ Ver “Em Limoeiro do Ajuru, formação destaca a história e cultura do açaí”. 21 set. 2017. Disponível em: <https://autoresestudosamaz.wixsite.com/estudosamazonicos/single-post/2017/09/21/Em-Limoeiro-do-Ajuru-forma%C3%A7%C3%A3o-destaca-a-hist%C3%B3ria-e-cultura-do-a%C3%A7a%C3%AD> Acesso em: 05 ago. 2019.

²¹ Ver “Colégio Atitude, de Cametá, adota Coleção Estudos Amazônicos.” 02 abr. 2018. Disponível em: <https://autoresestudosamaz.wixsite.com/estudosamazonicos/single-post/2018/04/02/Col%C3%A9gio-Atitude-de-Camet%C3%A1-adota-Cole%C3%A7%C3%A3o-Estudos-Amaz%C3%B4nicos> Acesso em: 05 ago. 2019.

Considerações finais

O estudo das coleções de editoras “regionais”, como a Estudos Amazônicos e a Samauma nos ajuda a entender como materiais didáticos que estão fora dos editais do PNLD são produzidos e chegam às escolas do Pará e da Amazônia no sentido de suprir uma lacuna de uma história regional. Esta análise nos ajuda a entender processos de produção que fogem do padrão das grandes editoras do Sudeste e do Sul que possuem mais recursos. Serve também para compreender quais as táticas as editoras “regionais” se utilizam para garantir o seu espaço num mercado tão concorrido como o dos livros didáticos.

As entrevistas com os sujeitos que produzem os livros nos ajudam a entender os bastidores da produção, e como, apesar de voltados para a mesma disciplina – Estudos Amazônicos, os livros são diferentes nas suas propostas. Tais propostas distintas que influenciam diretamente na forma como esse material chega aos estudantes do ensino fundamental no Pará e na Amazônia e como eles irão exercer uma influência importante no conhecimento da região amazônica e na construção de uma identidade regional.

Referências

Fontes

Entrevistas

AIROZA, Luis Otávio Viana. Entrevista concedida a Geraldo Magella de Menezes Neto. Belém, 04 set. 2017. Transcrição da entrevista: Lívia Lariça Forte Maia. Revisão: Geraldo Magella de Menezes Neto.

GUEDES, Luana Sullivan Bagarrão. Entrevista concedida a Geraldo Magella de Menezes Neto. Belém, 14 out. 2017. Transcrição da entrevista: Suellen Cristina Rodrigues de Lima. Revisão: Geraldo Magella de Menezes Neto.

JINKINGS, Álvaro. Entrevista concedida a Geraldo Magella de Menezes Neto. Belém, 03 out. 2017. Transcrição da entrevista: Suellen Cristina Rodrigues de Lima. Revisão: Geraldo Magella de Menezes Neto.

PALMIERI, Paulo. Entrevista concedida ao programa Diálogo Aberto. TV Nazaré. 02 fev. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zINm377GXYM> Acesso

em: 01 ago. 2019. Transcrição da entrevista: Lucas dos Santos da Silva. Revisão: Geraldo Magella de Menezes Neto.

Sites

Editora Estudos Amazônicos: <http://www.editoraestudosamazonicos.com.br/>

Editora Samauma: <http://www.samaumaeditorial.com/>

Estudos Amazônicos: coleção de livros didáticos:
<https://autoresestudosamaz.wixsite.com/estudosamazonicos>

Plataforma Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>

Livros didáticos

AIROZA, Luis Otávio Viana; MOURÃO, Leila; SANTANA, Stela Rodrigues. *As marcas da Amazônia antiga*. Belém: Samauma Editorial, 2012a. (Coleção estudos amazônicos; v. 1).

_____. *Os povos da Amazônia antiga*. Belém: Samauma Editorial, 2012b. (Coleção estudos amazônicos; v. 2).

_____. *Os povos da Amazônia colonial*. Belém: Samauma Editorial, 2014. (Coleção estudos amazônicos; v. 3).

BEMERGUY, Amélia; GUEDES, Luana Bagarrão; PIMENTEL, Márcia Aparecida da Silva. *Estudos Amazônicos: História e Geografia – Vol. 2* (Formação da sociedade amazônica). Belém: Estudos Amazônicos, 2012a.

_____. *Estudos Amazônicos: História e Geografia – Vol. 3* (Amazônia e a formação da sociedade nacional). Belém: Estudos Amazônicos, 2012b.

_____. *Estudos Amazônicos: História e Geografia – Vol. 4* (Amazônia contemporânea). Belém: Estudos Amazônicos, 2012c.

COELHO, Mauro Cezar et al. *Estudos Amazônicos: História e Geografia – Vol. 1* (Conhecendo a Amazônia). Belém: Estudos Amazônicos, 2011.

Bibliografia

ALBERTI, Verena. Fontes orais - Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008.

ALVES, Davison Hugo Rocha. *Contando a História do Pará: A disciplina 'Estudos Amazônicos' e os livros didáticos (1990 – 2000)*. São Gonçalo-RJ: Dissertação de Mestrado em História Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2016.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe. (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. “Preenchendo a lacuna da história regional”: propagandas de livros didáticos de História da Amazônia (Belém-PA, início do século XXI). *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História: Contra os preconceitos: História e democracia*. Brasília-DF, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502829921_ARQUIVO_Trabalho_completo-ANPUH.pdf

MOURÃO, Leila; AIROZA, Luis Otávio Viana; SANTANA, Stela Rodrigues. A Disciplina ‘Estudos Amazônicos’ e o ensino fundamental em escolas públicas paraenses. *Anais do 3º Workshop Internacional de História do Ambiente: História do Ambiente e Educação Ambiental*. Florianópolis-SC, 26 a 29 de novembro de 2013.